



<https://periodicos.ufsc.br/index.php/pesquisar/index>

ISSN: 2359-1870

ENSINO DE GEOGRAFIA NA ESCOLA BÁSICA EM PAUTA: UMA ENTREVISTA COM ANTONIO CARLOS CASTROGIOVANNI

Victor Hugo Nedel Oliveira¹

Victor Hugo Nedel Oliveira
Universidade Federal do Rio Grande do Sul,
Porto Alegre, RS, Brasil
<victor.juventudes@gmail.com>

 <https://orcid.org/0000-0001-5624-8476>

Resumo

Antonio Carlos Castrogiovanni é professor da Faculdade de Educação (FACED) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e da Escola de Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). O Professor Castrogiovanni tem se dedicado às pesquisas nos seguintes temas: ensino de Geografia, Geografia, educação geográfica e formação de professores, sendo uma das maiores referências nacionais e internacionais no campo do ensino de Geografia. Nesta entrevista, concedida ao Professor Doutor Victor Hugo Nedel Oliveira, Antonio Carlos discute temas importantes para o campo de pesquisa na área do ensino de Geografia a partir de sua trajetória profissional, em especial como docente do Colégio de Aplicação da UFRGS por 32 anos, bem como apresenta pistas para as discussões sobre a Complexidade e a Geografia escolar.

Palavras-chave: Ensino de Geografia. Escola Básica. Colégio de Aplicação. UFRGS.

Recebido em: 16/11/2020
Aprovado em: 18/11/2020

¹ Doutor e Pós-Doutorando em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Licenciado e Mestre em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professor do Departamento de Humanidades da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

**ENSEÑANZA DE GEOGRAFÍA EN LA ESCUELA BÁSICA DE PAUTA:
ENTREVISTA CON ANTONIO CARLOS CASTROGIOVANNI**

Resumen

Antonio Carlos Castrogiovanni es profesor de la Facultad de Educación (FACED) de la Universidad Federal de Rio Grande do Sul (UFRGS) y de la Escuela de Humanidades de la Pontificia Universidad Católica de Rio Grande do Sul (PUCRS). El profesor Castrogiovanni se ha dedicado a la investigación en los siguientes temas: docencia de Geografía, Geografía, educación geográfica y formación de profesores, siendo uno de los mayores referentes nacionales e internacionales en el campo de la docencia de Geografía. En esta entrevista, otorgada al profesor Doctor Victor Hugo Nedel Oliveira, Antonio Carlos analiza temas importantes para el campo de la investigación en el campo de la enseñanza de la Geografía desde su trayectoria profesional, especialmente como profesor en la Facultad de Aplicación de la UFRGS durante 32 años, además de presentar pistas para las discusiones sobre la complejidad y la geografía de la escuela.

Palabras clave: Enseñanza de la geografía. Escuela Basica. Colegio de Aplicación. UFRGS.

**TEACHING GEOGRAPHY AT THE BASIC SCHOOL IN PAUTA:
AN INTERVIEW WITH ANTONIO CARLOS CASTROGIOVANNI**

Abstract

Antonio Carlos Castrogiovanni is a professor at the Faculty of Education (FACED) at the Federal University of Rio Grande do Sul (UFRGS) and at the School of Humanities at the Pontifical Catholic University of Rio Grande do Sul (PUCRS). Professor Castrogiovanni has been dedicated to research on the following topics: teaching Geography, Geography, geographic education and teacher training, being one of the biggest national and international references in the field of Geography teaching. In this interview, given to Professor Victor Hugo Nedel Oliveira, PhD, Antonio Carlos discusses important topics for the field of research in the field of Geography teaching from his professional trajectory, especially as a professor at the College of Application at UFRGS for 32 years, as well as presents clues for discussions about school complexity and geography.

Keywords: Geography teaching. Basic school. College of Application. UFRGS.

Apresentação

A constituição docente no mundo contemporâneo vem se intensificando na produção acadêmica, tornando-se temática relevante na análise sobre os profissionais e os processos envolvidos na educação. Os desafios acadêmicos com a formação de professores e com a identidade docente ganham sentido, inclusive, a partir desses regates históricos e de suas análises. Uma das formas de resgatar o passado constitui-se em ouvir antigas professoras e antigos professores que exerceram a docência na educação básica em outros tempos.

Desta forma, na busca pela contribuição com as discussões em torno do trabalho docente e da formação de professores na escola básica, ingressamos no túnel do tempo para resgatar, junto aos professores de Geografia que já passaram pelo Colégio de Aplicação da UFRGS, importantes aspectos da sua profissionalidade docente que acabam construindo distintas práticas de ensino de Geografia, as quais merecem memória, destaque e aprendizado.

Esta entrevista é um dos produtos do Projeto de Pesquisa “Memória geográfica do Colégio de Aplicação da UFRGS: resgate das narrativas de professores de Geografia do CAP/UFRGS”², que tem por objetivo resgatar as memórias do ensino de Geografia no Colégio de Aplicação da UFRGS, a partir das narrativas de professores de Geografia que passaram pela instituição.

O Professor Doutor Antonio Carlos Castrogiovanni possui graduação em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1980), mestrado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1995), e doutorado em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2004). Atualmente, é Professor e orientador de estágios docentes em Geografia do Departamento de Ensino e Currículo da Faculdade de Educação (Faced) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e da Escola de Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). É, ainda, professor e pesquisador no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), tendo orientado diversos trabalhos em nível de mestrado e doutorado.

O Professor Castrogiovanni, como é conhecido, tornou-se referência nacional na área de ensino de Geografia, principalmente a partir de sua inserção no campo através da participação em eventos, publicações de importantes artigos, livros e obras trabalhadas nos cursos de graduação e pós-graduação em todas as regiões do país. Antonio Carlos tem experiência na área de Geografia, com ênfase em Ensino de Geografia, atuando principalmente nos seguintes domínios: ensino de geografia, formação de professores e geografia escolar. Tem colaborado com diversas universidades e instituições em vários países.

² O projeto de pesquisa “Memória geográfica do Colégio de Aplicação da UFRGS: resgate das narrativas de professores de Geografia do CAP/UFRGS” possui financiamento da FAPERGS - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul.

Nesta entrevista são apresentadas sínteses analíticas desenvolvidas pelo Professor Antonio Carlos Castrogiovanni, decorrentes de sua ampla pesquisa e experiência no campo do ensino de Geografia.

1 Entrevista

ENTREVISTADOR: Conte-nos um pouco sobre sua trajetória de vida pessoal, acadêmica e profissional, antes de chegar ao Colégio de Aplicação da UFRGS.

ANTONIO CARLOS CASTROGIOVANNI: Eu ingressei no magistério em 1973, foi minha primeira experiência profissional. Eu estava no Ensino Médio que na época se chamava Segundo Grau e, houve no Brasil uma campanha muito grande para o processo de alfabetização para os jovens participarem do processo de alfabetização. O governo criou um movimento chamado MOBRAL, que era o Movimento Brasileiro de Alfabetização. Eu fiz o curso e fui trabalhar numa escola à noite que na época era no Grupo Escolar Japão, no bairro Jardim Itu Sabará. Então começou a minha experiência, digamos, pedagógica de professor e a minha paixão pelo magistério. Eu fiz no ensino secundário, o curso de técnico em Química Industrial e me especializei em toxicologia porque era a área que eu gostava. Isso no tempo que a gente competia para entrar na escola pública. Eu estudei no colégio Dom João Becker, o ano que eu entrei foi 1973. Os 3 anos do Ensino Médio eu dava aula à noite no Mobral. Me formei em técnico industrial e entrei na universidade (UFRGS). Não fiz o quarto ano, sairia técnico; mas saí auxiliar, que eles chamavam. Enfim, já entrei na universidade. Ingressei primeiro na Geologia. Eu nunca imaginei que eu ia fazer Geografia porque meu sonho era fazer Agronomia ou Geologia, esse era o meu interesse. A Geografia era uma coisa que não existia nos meus sonhos. Logo depois eu fiz um concurso, eu acho que ninguém quase sabe que eu fiz isso. Fiz um concurso para Polícia Civil, e aí fui trabalhar no IML na área de toxicologia porque tinha feito aquele curso lá no Ensino Técnico. Eu acredito que foi a pior experiência da minha vida, o tempo que eu fiquei lá no IML. Claro, que era assim, era ditadura, os laudos vinham quase que prontos. Fiquei lá alguns meses e me demiti, não aguentei. Resolvi fazer junto o curso de Administração de Empresas e fui até o quarto ano, quando abandonei; aí sim, já estava na Geografia.

Comecei, então, na UFRGS, só que eu tinha um problema com um professor da universidade. Eu me desentendi e resolvi fazer no ano seguinte, para estudar para Agronomia. Eu ia abandonar o que eu já tinha feito, mas conheci um professor, não vou me lembrar do nome dele. Enfim, aquele tempo a Geografia pertencia às Geociências, ocorria no Campus Central da UFRGS, centro de Porto Alegre. Eu fui conversar com o professor que coordenava o curso de Geografia que eu queria desistir da Geologia e do processo todo que eu tinha ingressado, e ele me disse "Castrogiovanni, tu gostas de viajar, vocês são imigrantes italianos...", ele já sabia um pouco da minha vida, "Quem sabe tu não vens para a Geografia?! Tu vais te dar bem na Geografia". Na realidade, eu nem sabia o que era Geografia. Então, eu pedi transferência interna para Geografia. Depois, eu fiz vestibular para outras áreas. Para

teres uma ideia, cursei um ano de Pedagogia, entrei na Administração e fiz quatro anos. Eu também cursei um ano de Biblioteconomia; chegou uma época que eu tinha três matrículas na UFRGS, porque tu podias fazer quantos cursos quisesse. Olha o quanto eu sou inquieto e sempre querendo saber mais. Bom, resultado, o curso que eu não fiz vestibular, que eu jamais imaginei, foi o curso que eu acabei seguindo carreira. Essa foi a minha história. Em seguida, quando eu entrei para a Geografia, ia ter um congresso em Fortaleza (CE), mas eu não queria ser professor, eu entrei para Geografia porque eu não queria perder aquela matrícula, entende? Porque daí eu já estava fazendo Agronomia e Administração juntos. Ia ter o congresso de 1978 em Fortaleza, eu era aluno. Quando eu entrei na Geografia, como vim transferido, eu trouxe várias cadeiras. Naquele tempo tinha um curso básico na Universidade. Havia três cadeiras para todos os cursos e algumas iguais por área. Então já tinha feito o primeiro ano que é muito semelhante à Geologia, Agronomia, sabe? Eu já havia cursado cadeira de Português, Sociologia, Química 103, Física 101, Álgebra Linear 1, que se fazia também na Geografia. Por isso que eu fiz em três anos o curso de Geografia, licenciatura e bacharelado, não porque eu fosse um gênio, mas porque eu já tinha trazido as disciplinas. Mas eu queria ir naquele congresso, que por sinal marcou a história da Geografia no Brasil. Dois anos antes nós alunos já começamos a nos movimentar. A Geografia era bem pequena, ao todo não deveria ter mais de 40 alunos no curso todo, porque entravam 20 alunos por ano, e a maioria que entrava, inversamente ao que eu tinha feito, eles queriam Geologia, e não conseguiram e foram para Geografia, por exemplo.

Eu queria ir para Fortaleza com os colegas; a gente estava há dois anos juntando dinheiro. Esse ia ser o primeiro congresso gigante no Brasil, e eu não tinha dinheiro, família pobre. Mas eu tinha muitos amigos que construí ao longo da minha infância, adolescência, mas principalmente no Dom João Becker. O segundo grau marcou muito a minha vida porque eu peguei o primeiro ano da reforma, a reforma 1971, que foi o ano que eles implantaram toda a reforma. As escolas de ensino médio, as de Segundo Grau técnicas, foram muito bem equipadas, tanto é que meus colegas, as três turmas que nós éramos de Química Industrial, todos passaram na UFRGS ou na PUCRS. Naquele tempo para entrar na PUCRS também era muito difícil, pois não tinham outras universidades. Então, o curso do Dom João Becker era um curso fantástico. Nós tínhamos aula todas as manhãs, três tardes por semana e sábado o dia todo, para teres uma ideia. Nós tínhamos 18 períodos de Química por semana; tivemos um ano de Geografia, dois períodos por semana e era um horror. Não sei por que fui me apaixonar por Geografia!

Eu queria ir nesse congresso e não tinha dinheiro. Havia na Geografia colegas com situação financeira bem estruturada, mas na maioria, nós éramos menos favorecidos, filhos de operários. Eu tinha, até hoje tenho um grande amigo, que a tia era ligada à secretaria de educação e delegada do município de Canoas. E, até então, eu acabei saindo do Mobral, entrei na universidade e fazia dois cursos. Eu tinha alguns colegas que estavam na licenciatura ou na Engenharia e que já estavam dando aulas. Havia no Estado uma modalidade chamada Contrato Emergencial, que eram 12 horas semanais de aulas. Esse contrato veio porque com a Lei 5.692, de 11 de agosto de 1971, a grande maioria das escolas de ensino básico, que era

Primeiro Grau, composto por 8 anos, eram do PREMEN (Programa de Expansão e Melhoria do Ensino) e eram escolas integrais. O professor da escola do PREMEN tinha passado por uma reciclagem e tinha dedicação exclusiva. Passava 40 horas na escola e ganhava 10 salários mínimos como básico. Só que esses professores começaram a se aposentar, porque já tinham tempo de serviço no Estado. E o que aconteceu naquele momento, nós tivemos a crise econômica em setenta e cinco ou seis, não me lembro. Havia acabado o milagre Brasileiro, então, o Estado não fazia mais concurso para 40 horas. O Estado não estava fazendo concurso. Com isto começou a chamar professores substitutos, digamos assim, contrato emergencial.

Era começo do mês de maio e o congresso era em julho do ano seguinte, para ir para Fortaleza. Eu fui jantar na casa desse meu amigo e a mãe dele me disse "Tu gostarias de pegar um contrato? A gente está precisando, ainda mais na tua área". Eu tinha entrado em março para a Geografia, isso foi em maio. Ela disse "São 12 horas", eu acho que era um salário mínimo e meio. Era um dinheirinho bom para a época, mais ou menos isso, uns dois salários mínimos, não sei se não era mais, mas não vou me lembrar. Devia ser até mais, talvez uns três salários mínimos. Só sei que assim, eu fiz rapidamente as contas nesse jantar, em tantos meses eu tinha dinheiro para ir para Fortaleza. Isso foi no domingo, na quinta-feira eu já estava na escola lá em Esteio. Mas tinha um problema, eu tinha que ser emancipado e tinha que me naturalizar, porque eu não tinha 21 anos ainda. Naquele tempo 21 anos era a maioridade, e eu era estrangeiro. Então, foi uma loucura aqueles dias para ir ao consulado. Aí eu me tornei brasileiro e meus pais me emanciparam, tudo correndo. Claro, eu assumi na quinta-feira, mas fui receber não sei quanto, depois de toda a papelada.

Eu fui trabalhar na escola polivalente lá em Esteio. Fiquei lá um tempo, depois eu fui para uma escola no bairro Niterói em Canoas (Escola Augusto Severo), daí eu já estava formado em Geografia. Eu fiquei 10 anos trabalhando no Estado, mas acabei que sair, pois, no governo do Pedro Simon, foi criado um projeto de remanejamento de professores e queriam que eu fosse para a grande Porto Alegre. Neste momento já era professor na Escola Itália no bairro Jardim Itú Sabará. Eu já tinha ingressado no Colégio de Aplicação. Entrei no Aplicação, no final da década de 80, antes de me formar. Eu me formei e já fui também trabalhar na escola, privada, João XXIII, que na época era um colégio de elite. Trabalhava nas duas escolas onde estava a maior elite em Porto Alegre, que era o João XXIII, e o Aplicação, que tinha a "entrada por cartão". E ainda trabalhava, nessa época, lá no Colégio Augusto Severo, em Niterói. Era comum ver os meus alunos nos jornais nas páginas sociais ou nas páginas policiais, era ótimo. Sempre tinha alguém no jornal, ou publicando, catalogando, ou tinha cometido algum delito.

Na década de setenta, o Aplicação não tinha concurso, todos os alunos da UFRGS faziam estágio no Aplicação no mês de agosto. Os alunos da escola. Muitas vezes botavam uma faixa, "caça aos estagiários". Era um horror, sofriam os estagiários, coitados. Eram poucas horas que se fazia, mas se realizava preferencialmente no Aplicação porque era da Faculdade de Educação. O concurso que havia era para entrar na Faculdade de Educação, não no Colégio de Aplicação. Aqueles professores que faziam estágio no Aplicação e eram muito bons, acabavam sendo convidados para ficar. A cada 2 ou 3 anos, saíam ou trocavam os professores, e poucos permaneciam para dar continuidade. Havia uma diretora que eu poderia dizer

autoritária. A estrutura era vista como se fosse uma grande ditadura militar, para tu teres ideia, nos dois anos de convivência eu só a vi duas vezes e ela me cumprimentou uma, para veres a simpatia. Era maravilhosa (risos). E quando chegava o mês de dezembro era um terror, "quem ia para a rua?" As pessoas ficavam apavoradas, era uma coisa assim, terrível, terrível, terrível. Mas no início dos anos oitenta tudo mudou. A diretora se aposentou e nova leitura administrativa foi dada à escola.

Mas eu entrei para o Aplicação quando estava no primeiro estágio, havia dois estágios com uma carga horária 12 horas cada um. No mês de abril de 79, simplesmente houve um crime em Porto Alegre que abalou a sociedade gaúcha. O "Caso Felpuda". Era uma casa de prostituição masculina de alto nível na rua Barros Cassal. E um jovem que fazia seu trabalho ali acabou tendo uma discussão com o dono, que acabou matando o proprietário colocando fogo na casa. Foi um crime horroroso porque se salvou do incêndio uma agenda, e nessa agenda havia nomes de pessoas muito importantes em Porto Alegre. Só que por essa agenda, soube-se que a pessoa que havia tido com esse rapaz um caso antes era um professor do Colégio de Aplicação. Então, os jornais conseguiram um furo e publicaram: "Professor tal da UFRGS, que era do Colégio de Aplicação, está foragido e está sendo procurado, pois seria testemunha e teria presenciado o ocorrido". Esse professor teve que se ausentar, a Universidade pediu que saísse por um tempo de "cena". Eu até o conhecia. Assim foi necessário que em maio, urgentemente, alguém assumisse as turmas dele provisoriamente. E eu fui o selecionado. Acredito pela minha experiência com o Mobral e pelas 12 horas em escolas públicas, pois não estava formado. Ah! Desde que eu comecei a trabalhar, desde que eu entrei para a UFRGS, eu comecei a militar na AGB que era dentro da UFRGS, no prédio da Geografia, esse é um fato importante. Então, esse professor sumiu e passou o mês e não voltou para universidade. Na verdade, ele ficou com medo, desapareceu por um bom tempo, e com isto eu fui ficando. Ao ingressar me deparei com uma coisa muito triste, porque no Aplicação nesse momento só tinha Geografia em duas séries do Segundo Grau, no primeiro ano do Segundo Grau e no quarto ano. No Aplicação tinham 4 anos no Segundo Grau. Esse 4º ano era um dos experimentos que se fazia no Aplicação. Quem trabalhava aí era uma colega e este outro professor que acabou abandonando. Fui chamado às pressas, até foi uma coisa engraçada, porque teve uma entrevista onde eu competi com mais 2 professores, um deles era um colega da Geografia, eu acabei passando na entrevista. Muito dos concursos que eu fazia com este colega, eu tirava primeiro lugar e ele segundo, até hoje a gente brinca sobre isto!

Eu entrei para o Colégio de Aplicação, assim, às pressas, uma coisa louca, sendo ainda professor. Mas por que eu topei? Porque eu não precisaria fazer o segundo estágio. A orientadora que era uma pessoa de caráter alemã, rígida, seríssima, ela disse, "olha, se tu pegares, porque tu já tens experiência...", se tu pegares, tu não fazes estágio". Os meus colegas iriam fazer estágio comigo. Então, eu passei na entrevista e ganhava por hora trabalhada. Foi um desafio gigante porque peguei justamente o quarto ano. A minha primeira aula foi num sábado de manhã, para uma turma que até hoje eu sei o nome de todos os alunos. Até hoje nós nos encontramos volta e meia. As turmas do Aplicação eram tão

tranquilas (ironia) que essa turma que tinha 32 alunos, foi dividida em duas, cada uma tinha 16 alunos de tão tranquilos que eles eram. Os nomes, eu poderia listar, tu vais ver os nomes e dizer "meu Deus", era muito dinheiro em uma sala de aula. Minha primeira aula, eu conversando, dando explicações, não lembro qual era a temática, acostumado na Agronomia, com os colegas do interior, eu falando disse que a gente "sameava" falei assim. Uma aluna levantou o braço e disse: "Professor não seria semear, pois vem do substantivo semente! Era o meu primeiro dia e tu não imaginas a minha tensão, num sábado de manhã, me deram as duas turmas Premium, obviamente, a minha colega "espertinha" não ia me dar as duas do primeiro ano. Olha, isso foi lá em 79, até hoje me lembro a cena, me lembro até a roupa que ela estava. Ai, respirei, pensei, e a turma esperando minha reação: olhei para ela e disse, "Tu sabes que esse era um dos motivos que eu sonhava tanto em dar aulas no Aplicação? Porque sempre me disseram que aqui se aprende muito. Tu vê, na minha primeira aula, eu já estou aprendendo contigo". Eles me aplaudiram. Ela ficou tão minha amiga, que fez Agronomia e me convidou para o seu casamento (risos). Casou com um colega de turma. Eu aprendi muito, por isso eu gosto tanto do Aplicação e falo para todos que foi minha maior escola. Não foi o mestrado, não foi o curso que eu fiz em São Paulo, ou na Europa, nem o tempo que eu morei no Canadá. Eu aprendi muito, numa escola chamada de Colégio de Aplicação. Comecei no Aplicação e fiquei 32 anos. Mas depois eu fiz concurso, viu? Só para saber que não foi em um "canetaço" que me tornei efetivo. Depois de um ano e meio ou dois, eu não fui para a rua no final do ano, me formei, gostei tanto e fiquei mais. No governo Figueiredo, abriu concurso. Foram os primeiros concursos que tiveram para o Aplicação. E aí prestei concurso, e passei.

ENTREVISTADOR: Quais são as suas melhores memórias e os seus principais desafios em seu tempo de trabalho no Colégio de Aplicação da UFRGS?

ANTONIO CARLOS CASTROGIOVANNI: Bah... Vou começar pelos desafios. Eram grandes. Num primeiro momento a falta de democratização na escola. Era uma coisa que nós vivíamos tensos. Era fazer ou não fazer. Ou tu fazias... a direção e as suas assessoras aceitavam, mas elas te ajudavam muito. Havia uma assessora que todos tinham receio, pois ela nunca parecia ser acolhedora para com os professores. Se tu ias embora, não ganhavas nada. Tu não tinhas carteira assinada, nós ganhávamos por hora, era horista. Se eu trabalhasse 15 horas, eu ganhava por 15 horas. E as pessoas iam embora mesmo, chamavam outro; era uma coisa assim. Nós tínhamos aquelas reuniões todas às quartas-feiras no final da tarde. Eram obrigatórias as reuniões, no começo eram 2 horas e depois passou a ser a tarde toda, que era no final da tarde das 17h30min às 19h. Não tinha departamento como hoje, nós tínhamos área. Todos os professores permanentes eram da Faculdade de Educação do DEC, era uma ligação direta com o DEC, que também naquele tempo o reitor não era escolhido, era interventor. Os diretores eram todos interventores, então tu vivias numa tensão.

O maior desafio foi a minha inexperiência teórica, porque quando eu me vi, eu caí na Faculdade de Educação que era diferente de hoje. Notas, tu passas o curso criticando a Faculdade de Educação, até hoje ainda é assim um pouco; eu passei por isso. E naquele tempo,

nós chamávamos as mulheres de sapato alto, porque era um desfile de moda, era de *scarpin* para cima. E de repente eu, filho de imigrantes, não era brasileiro, filho de mecânico, de uma família de operários, siciliano, morando num bairro de Porto Alegre afastado de onde moravam os professores mais chiques, lidando com alunos que muitas vezes foram para a Europa, foram para o norte, casa em Atlântida... Tudo isso era desafiante. Eu ia de ônibus para o colégio. Os alunos iam de motorista. Por exemplo, as filhas do governador do Estado iam de guarda costas, com motorista. Naquele tempo o Aplicação não tinha aluno pobre. Então, tudo isso era um desafio. A linguagem era um desafio, por exemplo. Por outro lado, as questões pedagógicas também eram um desafio, porque daí eu fui estudar mesmo, eu pensei assim, “só um pouquinho, como eu vou dialogar com esses professores que trabalham com a didática, com a psicologia...”, porque todos eram da universidade, os que coordenavam. Então eu fui estudar, “eu vou ter que estudar, eu vou ter que ver para quê serve a pedagogia, porque é a partir da linguagem coloquial, mas é mais ou menos isso”. Daí eu fui estudar. Eu conheci umas pessoas, muitas eram do Becker, uma colega que esteve até recentemente na PUCRS, foi minha colega no Aplicação por muitos anos. Eu aprendi muito com os meus colegas porque havia no Aplicação... nós tínhamos diferenças teóricas, epistemológicas... Mas nós tínhamos algo muito legal que nós fomos construindo, que eram as trocas. No primeiro momento, assim, era aquele mês de ir para a rua, aí todo o mundo fez concurso... daí uns entraram, outros foram embora, mas aí ficamos concursados, aí deu uma tranquilidade. E durante... era uma das coisas que eu até criticava na época do Aplicação, eu acho que durante uns 24 ou 25 anos o Aplicação nunca teve concurso, então nós ficamos lá, aquele grupo durante uns 24 ou 25 anos juntos. Nós fazíamos projetos em grupo, nós tínhamos que apresentar, nós éramos cobrados pela extensão... Nós começamos a dar aulas na universidade também, nós todos dávamos aulas de didática, estágio, Psicologia. Tudo isso foi um desafio teórico, sócio-antropológico e a parte maravilhosa, era que era uma escola de aprendizado de ambas as partes. Claro, fiz muitas pesquisas que hoje eu não faria, também não estudava, me imagino longe de estruturalismo, enfim, mas nós tínhamos que estudar. Tu podias acreditar em bom, mas tu tinhas que saber quem era bom. Tu tinhas que estudar. Tu podias falar Piaget? Podias, mas quem era Piaget? Tu tinhas que ler sobre Piaget.

Uma coisa que hoje eu até agradeço, porque eu estudei todos os estruturalistas, depois os pós, os neo, assim fui me abrindo. Até porque eu tinha já colegas com uma tendência marxista, mas não abriam a boca no começo, era uma coisa mais velada. Quando houve estabilidade no Brasil, que houve a abertura, o democratismo, esses colegas começaram a ter uma presença mais marcante. Então, também era legal porque havia uma diversidade de leituras dentro da escola, que eram veladas até ela se democratizar, essa escola. Porque as primeiras direções, depois que saiu aquela diretora, foram também impostas. A nova diretora também foi imposta, ela era da Faculdade de Educação, obviamente. Só vai ter eleição depois de mais uns anos, como todo o processo democrático da universidade. A primeira eleição foi uma professora que nós elegemos, e que, inclusive, logo se aposenta e fica só na Faculdade de Educação. Isso foi uma coisa interessante, muitos dos meus colegas com o passar do tempo iam optando só pela faculdade e eu não; eu e poucos colegas continuávamos dando aula na

faculdade e no colégio. Eu sempre quis fazer isso porque eu achava que valia a pena, que era importante.

ENTREVISTADOR: Quais foram as atividades de ensino de Geografia realizadas ou organizadas pelo senhor que mais lhe marcaram?

ANTONIO CARLOS CASTROGIOVANNI: O primeiro projeto que me marcou foi o projeto que nós encaramos desde o quinto ano ou sexto ano, que tinha Estudos Sociais. O Aplicação foi, como quase todas as escolas no Brasil, com a reforma, ele criou os Estudos Sociais; tirou a Geografia e a História do ensino fundamental, tirou a Sociologia, tirou a Filosofia, porque os professores de Sociologia e Filosofia ficaram só lá na universidade, alguns foram até caçados. E quando cheguei ao Aplicação, só havia Geografia em duas séries do segundo grau. Eu tive colegas acolhedores, um deles foi uma professora de História. Foi uma companheira de batalhas e a gente discutia muito teoricamente; ela pela História e eu pela Geografia, então, nós propusemos para a escola, que nós queríamos... havia duas sétimas séries, porque eram duas sétimas e uma oitava, depois eram duas oitavas e uma sétima, não sei como está agora, mas era assim naquele tempo. Nós propusemos assim, fizemos um projeto em que ela trabalharia em uma série com Estudos Sociais e eu em outra série com Estudos Sociais. Então, eu iria estudar História e ela Geografia e faríamos aproximações. Um parêntese, a UFRGS não cria curso de Estudos Sociais como a PUCRS criou, como várias universidades públicas criaram. A UFRGS, na academia, manteve História e Geografia separadas. A Geografia era Geociências, como é até hoje, e a História é nos estudos de Filosofia e Ciências Humanas. Então, nós tínhamos um problema, porque chegava um professor estagiário e ele tinha que fazer estágio onde? Nos estudos sociais. E ele não sabia. Diferente da PUCRS, que tinha Estudos Sociais. Isso era uma contradição, nós dizíamos, "como que essa escola que é laboratório, pois todos conheciam o Aplicação do sul do Brasil, tem Estudos Sociais se a universidade não forma a gente para Estudos Sociais?" O Rio Grande do Sul foi um dos poucos estados com os militares que na escola pública, não adotou Estudos Sociais. Continuou tendo na escola pública, Geografia e História. Porque o CPERS (Centro dos Professores do Estado do Rio Grande do Sul) fez um trabalho, o CPERS era muito atuante. Ele fez um trabalho e resistiu até aos militares e o restante do Brasil todo tinha Estudos Sociais no primeiro grau. As escolas privadas tinham Estudos Sociais... o Anchieta, João XXIII, Farroupilha, todas tinham e o Aplicação também tinha. Então, o que nós pensamos: "Eu vou mostrar para esse pessoal que não funciona os Estudos Sociais na prática". Então, ela pegou uma sétima e eu peguei uma sétima, então nós estudávamos e trabalhávamos juntos, planejávamos aula; eu nunca estudei tanta História na minha vida, por isso eu sei tanta História.

E o que, que aconteceu no final do ano, nós tínhamos o método que nós usamos, no final do ano os meus alunos sabiam muita Geografia e não sabiam quase nada de História, e os dela vice-versa. Com essa avaliação que foi feita pelo pessoal da orientação pedagógica, o Aplicação era muito poderoso, eles se deram conta que era uma coisa absurda e no ano seguinte, passou a ter Geografia e História na sétima e na oitava série. Isso para nós foi

fantástico, porque nós conseguimos desconstruir aquela ideia. Nós tínhamos colegas na administração que foram fazer aquela escola lá no Canal do Panamá, do acordo MEC-USAID (acordo entre o Ministério da Educação – MEC e a United States Agency for International Development – USAID) que foi implantada no Brasil com a reforma dos militares. Então, muitos professores administradores foram para aquela escola de formação política do Panamá, que os EUA mantinham; e nós tínhamos no Aplicação, pessoas influentes na direção do Aplicação, então foram para lá. A visão que eles trouxeram, era a visão dos Estudos Sociais dos EUA. Que era aquele modelito lá, como eu chamo de Boa Noite. Aquele inseticida que se usa em acampamentos, começa no meio (eu) e acaba lá no mundo. Aquele coisa absurda que era o estruturalismo da época. Tu aprendias do perto para o longe. Foi tão interessante que me lembro até hoje, de quando nós apresentamos o resultado do projeto e que mostramos para as pessoas, porque tinham algumas pessoas que queriam manter os Estudos Sociais. Foi então que conseguimos uma vaga para Geografia e trouxemos outra colega para o Aplicação. Fizemos um concurso... trouxemos... este colega primeiro e depois outro colega. Foi uma luta para conseguir e mostrar, "olha, eu não tenho formação de História e ela não tem formação de Geografia". Foi interessante.

Depois foi a criação dos trabalhos de campo, que o Aplicação não tinha. Também foi uma ideia minha e da professora de História. Então, o que nós fizemos, eu tinha uma ideia do trabalho de campo do curso de Geografia, pela Agronomia, Geografia, Geologia, tudo o que eu tinha passado, tinha trabalho de campo. Então, eu tinha a ideia e achei que era o caminho. A professora de História apoiou, então, o que nós fizemos, qual foi a outra estratégia que nós usamos; nós construímos um texto de como fazer um trabalho de campo, que foi uma das primeiras publicações que se fez no Brasil, de como fazer um trabalho de campo, está na primeira revista do Cadernos do Aplicação. Olha, muitas vezes participando de bancas aparece lá como referência; nós escrevemos esse primeiro texto em 1982. Foi interessante porque a revista era um incentivo da própria Reitoria e a gente queria ter uma publicação que saísse, enfim, porque a Faculdade de Educação tinha aquela revista, e era uma revista muito concorrida. Achamos que era hora de fazer uma revista voltada para as experiências do Colégio de Aplicação, porque não era fácil naquele tempo que a universidade enxergasse o Colégio de Aplicação. Nós já estávamos prevendo que com o passar do tempo não ia ser mais por cartão o ingresso, porque quando era por cartão de visita, o colégio existia para atender aqueles jovens que queriam estudos de qualidade gratuitos na universidade. Mas já naquele tempo, nós pensávamos que íamos ficar em um limbo, porque que íamos concorrer com a Faculdade de Educação. Então, a ideia de registro começou por aí, mostrando as nossas publicações, e eu e a professora de História escrevemos esse artigo. Eu fui apresentar esse artigo em uma palestra, em um congresso de Geografia no Rio Grande do Sul, em Passo Fundo, e ele fez tanto sucesso que a direção nos chamou e pediu um projeto para fazer um trabalho de campo. Então, nós inserimos o trabalho de campo no currículo, eu e a professora de História, viramos quase coordenadores dos trabalhos de campo. Eu tive umas experiências fantásticas e todos os colegas começaram a aderir. E o que nós fazíamos, levávamos os colegas, "ah! vamos junto!". Porque no começo pensavam que a gente ia passear, e aí

passeava no passeio de Geografia e História e levava eles junto, os fazia trabalharem junto. E eles voltavam dizendo, "Ah! Como a gente aprende, como trabalha". Uma vez levamos um diretor que já partiu, ele também dizia "Como vocês passeiam", "Ah! Vamos juntos". Fizemos ir e mudou totalmente de opinião. Então, fazíamos essa lógica e eram trabalhos fantásticos de dias; ficávamos dois dias, três dias, quatro dias... Foi muito legal essa experiência. Tenho muitas outras experiências, teria várias para contar. Quando vejo as pessoas falarem, "ensino por projeto", eu começo a rir, parece que apareceu agora. Habilidades, nós já trabalhávamos por habilidades. Nós já trabalhávamos por projetos, tínhamos em todo o bimestre. Era por bimestre, todo o bimestre tínhamos projetos e todos tinham que participar, tinham que apresentar. Era outra conjuntura que existia na formação, eu diria que era uma formação continuada de professores.

Outra experiência maravilhosa, que criei no Aplicação, foi iniciativa minha, foi a Educação Continuada. Eu que criei esse projeto com o apoio de uma colega do SOE (Serviço de Orientação Educacional), e eu dizia que queria colocar os meus estagiários, era sempre um problema, uma confusão, eu dizia, "pessoal, vamos criar algo ou alguma coisa como tem na medicina", eu dizia isso. A pessoa fica um ano no hospital aprendendo, vamos fazer isso. Depois que parou de ser obrigatório o estágio lá no Aplicação, os alunos não queriam mais fazer estágio no Aplicação, porque tinham medo dos alunos do Aplicação da época. Mas continuou sendo ainda ingresso dos alunos que tinham visão de mundo, que faziam inglês fora, que faziam *ballet*, ginástica, dança, aquele tempo não tinha Pilates ainda, mas tudo que tinha eles faziam. Iam para aqui, para lá, para lá. Tinha um aluno que tinha uma casa no lago como na Itália, eram aquelas coisas assim. Então, era um desafio os alunos fazerem estágio, aprontavam muito com os estagiários. Um dia pendo que vou escrever um livro: "Como Amedrontar Estagiários", porque aprendi com os alunos. Produzi muitos projetos, claro, sempre com a participação de outros colegas, mas esses dois foram interessantes porque continuam até hoje, pelo que eu sei. Não sei se continuam com os trabalhos de campo, mas a educação continuada continua, eu tenho certeza.

Depois, juntamente com colegas, criamos a Educação no Noturno, que teve uma iniciativa minha com uma colega das Séries Iniciais, num primeiro momento. Estudamos muito sobre educação de adultos e queríamos algo diferente, que já fosse interdisciplinar. Após nossa aposentadoria eu acho que outra professora assumiu. Mas ele era um projeto temporário, porque nós descobrimos que na universidade tinham muitos funcionários, analfabetos, imagina! Eles foram ingressando na universidade e aí teve uma brecha de uma lei que conseguiam provar, por exemplo, para ter uma ideia, tinha um lavador de automóveis que lavava carros no pátio da Faculdade de Educação. Como ele lavava carro dos professores no pátio, depois de alguns anos ingressou com uma ação na justiça e a universidade teve que admiti-lo. Teve muitos funcionários assim, posteriormente, nós descobrimos que tinham muitos que mal sabiam ler. Então criamos a Educação de Jovens e Adultos na universidade. Era esse o projeto, parece que continua até hoje. E depois tem outros projetos que nós fizemos. Fizemos um livro uma vez, um projeto legal, um livro do Rio Grande do Sul, Geografia

e História do Rio Grande do Sul que não havia no estado. Fizemos outro livro em grupo. Muitas coisas produzimos.

ENTREVISTADOR: Como o senhor percebe as diferenças no ensino de Geografia do seu tempo de trabalho na escola básica para os dias atuais?

ANTONIO CARLOS CASTROGIOVANNI: Depois fiz concurso para o departamento de Geografia. Passei duas vezes, não assumi. Fiz concurso na Faculdade de Educação em 1985, porque eu sempre pensei assim, o professor para trabalhar com estágio, tem que ter experiência de ensino fundamental e médio. Eu sempre acreditei. Eu tenho colegas que não tiveram essa experiência. Eu, muitas vezes, levava os meus alunos, quando o Aplicação era na Faculdade de Educação, os meus alunos de estágio assistiam as minhas aulas no Aplicação, porque era no mesmo prédio. Eu, em alguns semestres, dava aula no mesmo horário. Porque uma coisa é eu dizer para aluno, "olha, vocês precisam ter comunicação, vocês precisam envolver o aluno, precisam ter uma questão desequilibrante", outra coisa é eles verem o que eu estou fazendo, porque é muito fácil dizer. Então, eu sempre lutei para manter esses dois vínculos. Sempre foi desafiante, pensando na Geografia dentro da área das humanas, em um país que tem uma democracia tão frágil e teve tão poucos períodos, tão curtos de democracia desde a República, em um país com tanta corrupção, com tanto desamor por parte dos políticos de uma forma, não vou dizer generalizada, mas é muito grande. As Ciências Humanas sempre incomodavam e incomodam. Então, nos anos 1970 e 1980, nós tínhamos muito medo de falar em sala de aula. Como agora, é um pouco semelhante. Só que lá tínhamos mais utopia, tínhamos mais vontade de mudança. A formação de professores, embora menos democrática, eu acredito que pelo menos... digamos, era mais tradicional sim, mas o professor sabia o que estava fazendo. Eu acho que a formação de professores era mais séria. Ela era mais pragmática, estruturalista, mas era muito mais responsável. Tu tinhas que saber o conteúdo. Era positivista? Extremamente! Mas tu tinhas que provar, entendeste? Saber o conteúdo, saber Geografia. Qual é essa ciência, como outras tantas, Sociologia, e outras tantas. Aliás, todas, se forem bem trabalhadas são relevantes para entendermos o mundo. Elas incomodam muito e como a escola é um aparelho ideológico de Estado, a escola foi sendo deixada de lado. Foi sendo desconstruída a sua relevância, e nessa desconstrução, claro, que aquelas ciências que contribuem mais para a formação da cidadania, foram deixadas muito mais de lado. Hoje eu vejo... O momento das últimas décadas, o terrível que foi e está sendo a formação de professores. A pessoa faz o curso à distância, já compra o diploma junto e só envia o trabalho de TCC junto, nunca viu uma sala de aula, uma coisa horrível. Forma-se em Geografia e nem pegou em um globo, pode?

O desafio já existia, entendes? E uma coisa que eu aprendi. Tu tens que transbordar paixão pelo campo em si que trabalhas. Eu acabei me apaixonando pela Geografia, é uma coisa engraçada, eu digo para os alunos. Tu imaginas, eu tive um ano de Geografia na Escola Estadual Dom João Becker, no ensino fundamental eu estudei em colégio de padres, a minha Geografia era um horror. Era Geografia dos rios, dos países, tem todos os países de várias

capitais. Não que não seja bom saber, porque quando viajo eu sei por onde estou passando, mas daí eu fui entrar na Geografia. Meus colegas riam da minha cara e diziam, "Mas que, que ele vai para a Geografia? Tu não gostavas de Engenharia Química, Química, Farmácia, bioquímica?". Tinha o período que eu fazia Geologia, mas eu me apaixonei pela Geografia, abandonei tudo, porque eu realmente me apaixonei. Mas também não foi pela minha formação lá não, foi pela exigência da minha formação. Porque os professores exigiam. Nós estudávamos, tinha que estudar muito. Tinham muitas provas e provas e provas. Nisso o Aplicação que vai me ajudar muito também, na paixão pela sala de aula.

Minha paixão por ser professor começou lá no Mobral, o Mobral foi fantástico. Minha primeira aula, que eu dei... na primeira semana, lá no Colégio Polivalente de Esteio, quando eu cheguei era um gurizão novo. Me deram as "piores" turmas - sétima e oitava. A oitava era uma turma de 14 ou 15 alunos, mas todos tinham entre 18 e 20 anos, era um monte de gigantes. Em uma das primeiras aulas, eu estou circulando na aula e os colégios polivalentes eram muito bem equipados, fantásticos. Eu estou circulando em uma aula maravilhosa e uma aluna passa para um aluno, um bilhete. Eu, com a minha ingenuidade, pego o bilhete da mão do aluno, quando eu abro o bilhete, o rapaz que tinha dois metros de altura quis vir para cima de mim. O que eu fiz? Corri para sala da direção. Quando eu comecei a correr o diretor viu, me chamou. Saí com carro da polícia da escola, para ter uma ideia. O bilhete dizia assim, "Fulano, não te beijei ontem porque uma colega nossa, me disse que tu não sabes beijar de língua", isso era 1977. Que absurdo o que eu fiz... pura ingenuidade.

Eu ia desistir, não ia voltar mais. Eu tinha uma colega na época, a gente fazia o primeiro ano da faculdade que era básico, todo mundo fazia junto, e eu a conheci pela minha italianidade, conheci uma menina muito legal de Bento Gonçalves e ela fazia Comunicação. Eu cheguei e contei para ela o que tinha acontecido e disse que ia desistir, mas ela me deu uma aula de sensibilidade, "não, pelo contrário, tu vais voltar...", porque a minha tristeza não era nem desistir, era não poder viajar para Fortaleza no ano seguinte. Aí eu resolvi encarar. A professora de lá, uma senhora maravilhosa, me chamou, fui a casa dela aqui em Porto Alegre, conversamos e eu voltei. Eu chamei os dois e fui pedir desculpas porque não deveria ter feito aquilo. Eu comecei a aprender o que é ser professor. Para ter uma ideia, eu fui padrinho de casamento dos dois e fui padrinho do primeiro filho deles. Essa turma me convidou para ser paraninfo. Então, imagina eu, um gurizão, paraninfo da oitava série do Colégio Polivalente de Esteio.

Eu me dei conta de que ser professor, é sentimento também. Tem que ter acolhimento, sabe. Porque o conteúdo, é claro que é importante, mas também faz parte do conteúdo, digamos, essa questão da Sociologia das Relações. Esta questão de saber escutar, saber ouvir, saber estar com as diferenças. Esse episódio marcou a minha vida, assim como aquele da aluna que me corrigiu na minha primeira aula no Aplicação. Mas os desafios já tinham, já tinha indisciplina de acordo com o momento. Tinha disciplina, claro. Desinteresse? De acordo com o momento. A Geografia como era vista? Não era bem vista por alguns, de acordo com o momento. Então, como que a gente pode mudar isso? Pela paixão, acolhimento, acreditando na ciência enquanto possibilidade de entendermos provisoriamente o mundo.

Sabendo o que está dizendo, sabendo para quê serve essa ciência maravilhosa, é uma questão epistemológica. Estudando, eu sempre fui de estudar. Vejo que os alunos querem aprender; se ele não estiver drogado, se ele não estiver bêbado, eles estão na escola, pois querem aprender, querem te escutar, querem saber dos teus exemplos. Tu tens que falar diretamente. Respeitá-los e falar sobre a Geografia da Vida com eles. Dar limites para os alunos, cobrar as coisas dos alunos, mas cobrar sabendo que está cobrando e por que está cobrando. Então, os desafios são todos, até hoje na universidade, até hoje no programa de pós-graduação, tem os mesmos desafios. Tem que ficar cobrando os doutorandos, "olha, o artigo, não sei o quê, e blábláblá". Isso é como ser pai pedagógico. É limite o tempo todo. Se não, vais vender maçã que é melhor, vais ganhar mais dinheiro, eu penso.

ENTREVISTADOR: Quais são as aproximações que o senhor percebe entre o seu campo de estudo mais teórico que é da Teoria da Complexidade e o ensino de Geografia?

ANTONIO CARLOS CASTROGIOVANNI: A Geografia trabalha com o espaço geográfico, é uma totalidade. É um conjunto indissociável de sistema de objetos, sistema de ações. Está na página 53 do livro do Milton Santos, *A Natureza do Espaço*, no 4º parágrafo. Essa edição é a da Hucitec porque depois na nova edição mudou. Então, se a Geografia trabalha com objeto que é o espaço geográfico, que é uma totalidade e nessa totalidade tu tens que considerar as tensões, os conflitos, os avanços, os recuos, os silêncios, escutar o que não é dito, mas que está atrás do que se diz, tu tem que lidar com as redes, não sabe onde começa e onde termina, tem que lidar, enfim, com a generosidade, com o ódio, com o amor, hoje temos que trabalhar com o amor e com o ódio no Brasil, porque não dá pra atender o Brasil se não trabalhar com esses dois sentimentos. Então, tudo isso a complexidade trabalha, porque a complexidade, o que ela é, ela é um paradigma que se põe como uma verdade. Estaria, digamos, certa idiossincrasia dela, porque ao mesmo tempo em que ela trabalha com verdade provisória, ela se diz como uma verdade. Então, ela é um paradigma e uma verdade, mas é um método porque ela traz uma série de referências para ti analisar a sociedade que nós estamos vivendo. Então, eu diria que existe muita proximidade entre a epistême da Geografia e a epistême do Método da Complexidade.

O geógrafo não pode trabalhar com a verdade posta, como algo acabado, porque como dizem os teóricos, "Para eu poder entender o espaço, eu tenho que trabalhar com a forma, com a estrutura, com a função e processo". Vamos dizer assim, a complexidade é semelhante. Como nós vivemos numa situação processual, a mudança ocorre a todo instante, quer dizer, cada vez que eu olho para ti não és mais tu que está aqui, já houve uma mudança, não é verdade? Por isso eu digo, a gente não transforma a paisagem, a paisagem que vai se transformando. O que nós fazemos, é outro olhar para enxergá-la, essa é a questão. E como ela já mudou, enxergamos diferente. Os dois campos do conhecimento, eles têm epistemologicamente muita proximidade, aí vem uma coisa importante, se partir desta ideia da complexidade, o que é complexidade? A palavra vem de complexo, do grego *complexus*,

que é tecer junto, tudo se tece junto. Se eu pensar assim, a complexidade tem um dos princípios que é o hologramático, que o todo está na parte, Milton Santos disse a mesma coisa.

Se eu estudar a cidade, que é uma parte, o espaço geográfico está ali, o mundo está na cidade, não é isso? E a complexidade, outra coisa em relação a isso, porque isso o Milton Santos não diz, ou os teóricos da Geografia conceitual epistêmica. A complexidade... o estudo da soma das partes, é mais que o todo. Porque no todo, muitas vezes eu não enxergo a parte e isso o professor de Geografia não se dá conta. Ele pode estudar o mundo pelo bairro? Pode. Ele pode ver o mundo dentro da cidade? Pode. Mas a cidade é mais que o mundo, porque a cidade tem as suas particularidades. A cidade tem o seu idioleto e tem o seu socioleto, que é uma coisa construída em uma cultura, naquelas relações que ali se estabelecem, naqueles limites, naquelas fronteiras. Então eu diria assim, se eu pegar a complexidade enquanto método, eu acredito, nesse momento, que ele é o caminho para se aproximar de um entendimento do mundo para mim, que já fui estruturalista, pós-estruturalista, marxista nas minhas análises, hermenêutica... Para mim a complexidade é o que mais me satisfaz nesse momento. Não sei até quando, mas nesse momento é. Porque eu vejo um casamento aí, e um casamento tranquilo, porque nem todos são.

Portanto, eu chego à escola, porque eu queria falar isso, porque a escola é o único lugar democrático que todos passam e deveriam passar. O único. A igreja não, o futebol não, a escola! Por isso que ela é um aparelho ideológico de Estado tão poderoso. E a escola, se eu pegar o conceito tanto hologramático lá da complexidade ou o conceito de espaço geográfico, se o espaço é um todo, a escola faz parte do espaço. Se eu pegar a escola como parte, ela reflete esse todo que é o espaço geográfico. Então, eu diria assim, não tem profissional mais competente se souber geograficamente a geografia, vai entender a escola. Porque se o mundo tem tensão, vai ter na escola tensão; se tem conflito, vai ter conflito, não é mesmo? Se tem no mundo, tem na escola. Porque ela reflete e é refletidora. Se não, a própria Geografia se desconstitui, se eu não ver a escola assim. Quando tem uns professores que dizem assim, "aí, na minha escola os alunos estão muito inquietos" mas o mundo está inquieto, "ah! Mas na minha escola tem gente que se droga e que bebe", mas tem no mundo gente que se droga e que bebe. Porque o mundo é assim e a escola vai ser assim. Por isso que eu chamo a escola de um subespaço geográfico, se tu não se desconstituir, mas de recorte mesmo. Mas se eu somar todas as escolas do mundo, vai ser uma compressão maior até que o mundo de repente, porque olha as particularidades de cada escola.

ENTREVISTADOR: Que recomendações o senhor daria aos jovens professores de Geografia?

ANTONIO CARLOS CASTROGIOVANNI: Que estudem muito. Não tem nada que se consiga entender sem estudo. Tem que estudar, mas estudar não é ler a revista Caras, eu nem sei se tem a revista Caras ainda. Estudar é propiciar a si o estado da dúvida. Tu precisas ter estados de dúvida constantes. Cada vez eu me convenço de que a escola tinha que ser muito mais dúvidas do que verdades, porque a verdade ele sabe onde está. Tive uma experiência no

ano passado com uma sobrinha neta que veio aqui em casa. Ela queria uns conceitos, era da área da Geologia, como na família eu sou o único da área da Geografia, tudo que é Geografia vêm falar comigo, os outros vão procurar os outros, mas Geografia sempre cai aqui. Eu fui ali, peguei o atlas geológico, geomorfológico do doutor Teixeira Guerra, que para mim é a bíblia da Geologia-Geomorfologia. Ela com 9 anos ficou espantada, na hora que eu comecei a abrir e ela começou a folhar e ler, disse, "Bah! Botaram todo o *Google* aqui dentro!". Eu achei bárbaro, olhei para ela e disse, "Não, Natália, é o contrário", e ela disse, "Mas para quê? Para que esse monte de papel dindo, para quê?". Eu acho que ela nunca tinha aberto um dicionário, porque as crianças não têm nem atlas mais na escola, tudo é digital agora, e ela achou o máximo! Queria levar para a mãe dela e eu disse, "Não, a tua mãe já conhece isso aqui" e ela insistiu, "Mas como é que conseguiram botar todo o *Google* aqui dentro?", e não se convencia que tava todo o *Google* ali ligado à Geologia.

O que eu estou dizendo, é que professor tem que lidar com esses avanços tecnológicos, mas ele não pode se desconstruir como professor, não pode se desfazer como professor pesquisador que deve ser. Eu vejo muitos professores se desfazendo como professor. Eles se fazem enquanto autoridade, e nós temos que nos autorizar. Quando é que a gente se autoriza? O que é a autoridade? É o que se autoriza. Como se autoriza? Não é saber simplesmente só o conhecimento, que também é fundamental, mas saber a razão de existir esse conhecimento. Como trabalhar com os conteúdos. Não é uma coisa de utilitarista é uma coisa que eu digo epistêmica. Então, tu precisas saber, "Ah! Então eu preciso saber também o nome dos oceanos?", Ótimo, também pode na Geografia, que bom que sabes o nome dos oceanos. Como por exemplo, um médico tem que saber a anatomia, que bom! Ele sabe onde está o coração, porque alguns vão operar o coração e picotam a pessoa, então é bom saber onde está o coração. Não tem que saber? Claro que tem que saber, mas o aluno precisa tem que decorar tudo? Não, mas, por exemplo, ele tem que saber que nós não temos nenhum limite com o Oceano Pacífico. Mas ele tem que saber o quê? Que o Brasil está a leste ou oeste de Angola, isso ele precisa saber. Isso é epistemologia da espaciologia, para mim. Tem uns que falam: "Ah professor, quer dizer que nós estamos também a oeste de Angola?" Não, só a leste. Aliás, Angola está a leste da gente. Não, Angola também está a oeste da gente, porque a Terra tem uma esfericidade, embora há sujeitos que pontilham que ela seja plana (risos). A verdade é uma: não existe eternamente, e as dúvidas são infinitas!

Publicações do Entrevistado (seleção)

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos *et al.* (org.). **Movimentos para ensinar Geografia - oscilações**. Porto Alegre: Letra1, 2016.

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos *et al.* (org.). **Movimentos no Ensinar Geografia - rompendo rotações**. Porto Alegre: Evangraf, 2015.

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos *et al.* (org.). **Movimentos no Ensinar Geografia**. Porto Alegre: Imprensa Livre e Compasso, 2013.

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos *et al.* (org.). **O Ensino da Geografia e suas Composições Curriculares**. Porto Alegre: Gráfica da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2011.

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos *et al.* (org.). **Práticas Pedagógicas para o Ensino Médio**. Porto Alegre: Penso, 2011.

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos *et al.* (org.). **Ensino de Geografia: caminhos e encantos**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos; COSTELLA, Roselane Z. **Brincar e Cartografar com os diferentes Mundos Geográficos: a alfabetização espacial**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos *et al.* **Um Globo em suas mãos - práticas para a sala de aula**. Porto Alegre: Ed. da Universidade, 2003.

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos *et al.* (org.). **Geografia em sala de aula: práticas e reflexões**. 3. ed. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2001.

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. **Ensino de geografia práticas e textualizações no cotidiano**. 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 2000.